

TV RECORD

# RIBEIRÃO DO TEMPO

Novela de

***MARCILIO MORAES***

Capítulo 001

## RIBEIRÃO DO TEMPO

**CENA 01. RIBEIRÃO. TRECHO ENCACHOEIRADO. EXTERIOR. DIA.**

As imagens vertiginosas de uma CÂMERA colocada na proa de uma embarcação que desce o rio: a água deslizando, os redemoinhos, as pedras ameaçadoras, as margens, os fugazes remansos, os saltos alucinantes.

Entra a voz animada de JOCA:

JOCA — (OFF) Porque se chama Ribeirão do Tempo, ninguém mais sabe com certeza. Uns dizem que é porque antigamente as coisas demoravam muito a acontecer por aqui. Outros garantem que é por causa das propriedades mágicas das águas do ribeirão. Quem toma banho nele todo dia, custa mais a envelhecer. Outros contam que, se você se banhar nas águas do rio na hora certa do dia certo, com lua minguante, fica mais jovem 20 anos...Só que a memória desse dia e dessa hora se perdeu nos tempos...

CORTA para JOCA, na beira do rio, à frente de um grupo de turistas (participações e figuração), a maior parte nacionais, mas com dois ou três estrangeiros entre eles. JOCA se veste simplesmente, ma com graça.

JOCA — ...(Ri, descontraído) Tem gente na nossa cidade que passa a vida tentando descobrir o minuto exato desse dia encantado. Já imaginou quando isso acontecer... Não vai sobrar lugar nem pra peixe no ribeirão...

**CENA 02. RIBEIRÃO. OUTRO TRECHO. EXTERIOR. DIA.**

Uma parte inóspita do rio. CAM vai buscar, nas margens, no meio do matagal, a menina DIANA, que olha embevecida o passar das águas. Do seu PV, a balsa de TITO, que desce o rio com vários aventureiros a bordo. CORTA para TITO, no comando do barco. Ele dá algumas instruções aos navegantes, apropriadas ao trecho que atravessam (PESQUISA).

TITO — Pessoal da direita, rema pra trás...

Do PV de TITO, DIANA, vestida de garoto, na beira do rio. TITO acena para ela, que responde timidamente.

O barco passa célere diante de DIANA e se perde correnteza abaixo.

**CENA 03. AEROPORTO DE CIDADE PEQUENA. PISTA. EXTERIOR. DIA.**

Um jatinho executivo pousando graciosamente.

CORTE

ELEONORA, vestida com elegância clássica, desce do jatinho. ARMINDA a espera na pista, também elegante, mas mais descolada. ARMINDA sorri e se dirige à outra, acolhedora

ARMINDA — Madame Durrel, que bom rever a senhora. Como foi a viagem?

ELEONORA — (C/ suave sotaque) Você sabe que detesto aviões... A viagem da Europa para o Brasil foi interminável. Do Rio de Janeiro para cá pelo menos passou depressa. Mas pisar no chão firme é sempre um alívio depois de voar nesses charutos horrorosos.

ARMINDA sorri, simpática. Elas se beijam formalmente. ELEONORA olha em torno, nostálgica, e respira fundo

ARMINDA — Há quantos anos a senhora não vem ao Brasil?

ELEONORA — Mais dos que você tem de vida... (FAZ UM GESTO DE REJEIÇÃO) Melhor não falarmos do tempo.

ARMINDA — O carro está nos esperando. Podemos ir direto. Ou se a senhora quiser descansar um pouco, o aeroporto dispõe de uma saleta, não digo confortável... simpática...

ELEONORA — Na minha idade, minha filha, só simpatia não resolve mais. Vamos embora de uma vez.

ARMINDA indica uma vistosa limusine estacionada ao lado da pista e as duas se dirigem para lá.

ARMINDA — Ribeirão do Tempo é um lugar delicioso. Foi um grande acerto a decisão de instalarmos lá o nosso empreendimento... A senhora vai adorar a cidadezinha.

ELEONORA — (Enigmática) Vamos ver o que nos espera...

Elas seguem conversando, sem que se ouça o que dizem, ao tempo que um Funcionário sai do avião com as bagagens de Eleonora.

#### **CENA 04. RIBEIRÃO. OUTRO TRECHO. MARGEM. EXTERIOR. DIA.**

DIANA sentada numa pedra, com os pés dentro da água, comendo pitangas silvestres que colheu. CORTA para BILL, que se aproxima sorrateiro pela mata e a fica observando, sem que ela o veja. Ela por fim presente a presença dele e se volta. Leva um tremendo susto. Calça rapidamente as sandálias, larga as pitangas e sai correndo por uma trilha. BILL apenas olha, depois vai pegar as pitangas que ela deixou e as come, cuspidando os caroços no rio.

Sobre a imagem dos reflexos da água corrente, entra a voz pastosa de Querêncio:

QUERÊNCIO — (OFF, embriagado) ... Não é conversa pra criança dormir não. Vocês são uns ignorantes. Nem parece que nasceram aqui... As águas de Ribeirão do Tempo são mágicas. Curam qualquer coisa...

**CENA 05. CENTRO HISTÓRICO. BOTEQUIM "JÁ ERA". EXT. DIA.**

Um “pé sujo” bem fedido. QUERÊNCIO encostado no balcão, segurando um copo. Junto com ele, ROMEU e mais dois Cachaceiros. ALFREDO LOROTA, um cara dos seus 40 anos, dono do bar, atrás do balcão, enxugando copos com um pano encardido.

QUERÊNCIO — ...São mágicas...curativas... Curam qualquer coisa...

ALFREDO — (Debochado) Só não curam bebedeira.

QUERÊNCIO se volta para ele e o examina com desprezo.

QUERÊNCIO — Quem te disse que não cura?

ALFREDO — (Ri) E cura?

QUERÊNCIO — Na hora. É entrar no rio e ficar bom.

ROMEU — (Voz pastosa) Espera aí, Querêncio. Tu sabe que eu te tenho na conta do homem mais sabido de Ribeirão do Tempo... Mas dizer que água de rio cura porre, vai me desculpar.

QUERÊNCIO — (Exaltado) Claro que cura, Romeu. A água do nosso Ribeirão cura qualquer doença, qualquer mazela...

ALFREDO — Só vendo...

QUERÊNCIO — Se eu estivesse bêbado, ia lá agora e provava pra vocês.

ROMEU — (Ri) Se tu não ta bêbado, ta o quê, Querêncio?

Os outros caem na gargalhada.

QUERÊNCIO — (Indignado) Eu, bêbado? Vocês não sabem o que estão dizendo. Estou firme como um poste.

ROMEU — Cuidado pros cachorros não mijarem no teu pé.

QUERÊNCIO — Precisa muito mais cachaça pra me botar de porre.

ALFREDO — Quero ver fazer um quatro. Aí eu acredito.

QUERÊNCIO — Tá duvidando de mim? Você não se enxerga não, Alfredo Lorota?

ALFREDO — Faz o quatro que eu acredito.

QUERÊNCIO — Faço até o oito... Querem ver? Querem ver?

QUERÊNCIO tenta fazer o quatro, perde o equilíbrio, sai catando cavaco, derruba uma mesinha, espatifando copos e garrafas, e se esparrama no chão, entre gritos e gargalhadas dos amigos e de outros frequentadores do bar.

ROMEU — Segura ele.

ALFREDO — O poste desabou, cuidado...

ROMEU se acerca do amigo, tentando levantá-lo. ALFREDO também vem ajudar.

ROMEU — Não ta de porre, não é?

ALFREDO — É uma rocha...

QUERÊNCIO afinal consegue se pôr de pé. Em volta, todo mundo zoando com ele. QUERÊNCIO tenta assumir uma postura ativa, apesar do balanço do corpo. Olha para os circundantes, sério, irritado.

QUERÊNCIO — Está bem... Tenho que admitir que estou um pouco alto... Também, uma cachaça desgraçada como essa que tu serve...

ALFREDO — (Divertido) A mais pura de Ribeirão. Não adianta desfazer...

QUERÊNCIO — Então vocês acham que eu estou bêbado?

ROMEU — Claro que está, Querêncio.

QUERÊNCIO — Ninguém tem nenhuma dúvida?

QUERÊNCIO olha em torno. Todo mundo o encara, uns segurando o riso, outros rindo abertamente, como ALFREDO, enquanto recolhe os cacos no chão e levanta a mesa.

QUERÊNCIO — Tudo bem... Melhor assim...porque agora posso provar pra vocês o que eu dizia...A água do nosso rio cura qualquer carraspana. Vou atravessar a correnteza a nado e, quando chegar do outro lado, vou estar bonzinho, como uma criança de colo... E é agora!

QUERÊNCIO sai precipitadamente do bar, para espanto dos demais.

ALFREDO — É bom segurar o cachaça, porque ele vai se afogar.

ROMEU e os outros saem atrás de Querêncio.

### **CENA 06. CENTRO HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXTERIOR. DIA.**

Movimento normal na praça, carros passando, carroças, moradores, alguns turistas, bicicletas, crianças correndo, etc.

QUERÊNCIO saiu trôpego do botequim “Já Era” e caminha, tão decidido quanto lhe permitem as pernas bambas, para o outro lado da praça. Logo vêm atrás dele ROMEU, os Cachaceiros que bebiam com eles e outras pessoas que estavam no bar.

ROMEU — Querêncio, pára com isso. Vamos voltar.

QUERÊNCIO — Ninguém vai desfazer da cidade na minha frente. Pra vocês, tudo é conversa fiada, não é? Hoje vou provar que não é assim.

ROMEU — Como é que tu vai entrar no rio num estado desses?

Mas QUERÊNCIO não lhe dá ouvidos, segue em frente decidido, falando alto para todo mundo que encontra.

QUERÊNCIO — Eu mato a cobra e mostro o pau... Vem todo mundo comigo...

ROMEU encontra CARMEM, que está por ali com colegas da faculdade.

CARMEM — Que aconteceu, Seu Romeu?

ROMEU — Sorte te encontrar, minha filha. Corre lá e avisa à Filomena que o pai dela vai fazer uma maluquice.

CORTA para SERENO, sentado num banco, lendo a Folha da Corredeira. SERENO se interessa pelo que acontece, levanta-se e vai atrás de QUERÊNCIO, com sacudidelas de cabeça e “tiradas de letra” nos postes.

CORTA para a frente do bar “Já Era”. ALFREDO assiste da porta Querêncio e os outros se afastam. NICOLAU E NASINHO se aproximam. NICOLAU traja roupa esportiva elegante e NASINHO veste um terninho burocrático, maneiroso.

NICOLAU — Que zoação é essa, Alfredo?

ALFREDO — (Ri) O Querêncio vai mergulhar no rio pra provar que as águas do Ribeirão curam até carraspana.

NASINHO — (Ri) Desta vez o velho safado morre.

NICOLAU — Não podemos perder isso de jeito nenhum. Vamos lá, Loujrival.

NASINHO — Tenho que voltar pro cartório.

NICOLAU — Vai perder o espetáculo? Vamos lá, rapaz. As escrituras que esperem!

NICOLAU arrasta NASINHO e os dois vão rindo na direção que Querêncio tomou.

### **CENA 07. RIBEIRÃO. OUTRO TRECHO ENCACHOEIRADO. EXTERIOR. DIA.**

A balsa de TITO descendo furiosamente a correnteza. TITO dando instruções para os tripulantes (PESQUISA).

TITO — (Grita) Os da direita, remem à frente. Os da esquerda, a ré.

**CENA 08. MARGEM DO RIBEIRÃO. ESTRADA. EXTERIOR. DIA.**

A limusine de Arminda e Eleonora estaciona num ponto da estrada ou num desvio em dá para ver o rio. ARMINDA salta por uma porta, enquanto o Motorista abre a porta para ELEONORA, que sai.

ARMINDA — Eis aí o Ribeirão do Tempo, Madame Durrel.

ELEONORA dá alguns passos e olha longamente as águas descendo.

ARMINDA — A senhora nem faz idéia da quantidade de histórias que se contam sobre esse rio. Dizem que suas águas têm propriedades maravilhosas, que fazem rejuvenescer... (RI) Eu estou para experimentar. Seria bom perder uns aninhos.

A balsa de TITO surge rio acima. ELEONORA a vê e se anima.

ELEONORA — Olha lá...

ARMINDA — É o pessoal dos esportes radicais. O rafting é muito praticado aqui.

ELEONORA — É essa gente se que se opõe ao nosso empreendimento?

ARMINDA — Eles também. Mas tem outros, piores. Ecologistas, uns hippies pirados, políticos oportunistas...

ELEONORA — Esses tipo de idiotas tem em todo lugar... O povo, a gente que mora mesmo na cidade, o que diz?

ARMINDA — O Zé Povinho, como a senhora sabe, na verdade não pensa. Vai atrás dos outros... Tem um figurão aí, um daqueles revolucionários de 68... Esse é o nosso maior problema. Escreve artigos, encabeça abaixo-assinados contra a gente... Não dá folga.

ELEONORA — 68 não passou de uma grande farra. Eu morava em Paris nessa época. Eu e meu marido, que era um grande gozador, nos metemos em algumas passeatas... Rimos muito.

ARMINDA — Por aqui tem gente que ainda leva aquilo a sério. Esse doutor Flores é um deles.

ELEONORA — Ele se chama Flores?

ARMINDA — Doutor Milton Flores.

ELEONORA — (RI) O nome não deixa de ser apropriado.

ARMINDA — De flor ele não tem nada. É espinho puro. Entrou com uma representação na Justiça contra a gente que está assustando nossos advogados. Vai ser julgada por esses dias.

ELEONORA — (Distraída) Depois você me conta essas histórias.

ARMINDA — Desculpe, Madame Durrel. A senhora nem chegou e já estou lhe jogando os problemas em cima.

ELEONORA — (Apreciando a balsa de Tito, que se afasta) Deve ser emocionante andar nesses botes.

ARMINDA aponta.

ARMINDA — A área em que vamos instalar o resort fica atrás daquele morro. É deslumbrante. E a cidade fica mais adiante.

ELEONORA — Antes de ir pra casa, quero ver o centro histórico.

ARMINDA — Espero que a senhora goste

### **CENA 09. CASARÃO DE FLORES. FACHADA. EXTERIOR. DIA.**

Tomada da frente da casa de Flores.

DIRCE — (OFF) Milton, se você não começar a se arrumar agora, vai se atrasar para a solenidade...

### **CENA 10. CASARÃO DE FLORES. BIBLIOTECA. INTERIOR. DIA.**

FLORES sentado na sua cadeira de espaldar alto, diante de um livro aberto sobre a mesa mas com o olhar perdido na estante de livros ao seu lado.

DIRCE — (OFF) Você ouviu o que eu disse, Milton?

FLORES finalmente sai do seu devaneio e se volta. DIRCE está na porta vestindo discretas roupas de baixo.

FLORES — Ouvi. Ainda faltam horas para o diabo dessa solenidade. Não sei porque você está tão ansiosa.

DIRCE — Porque eu te conheço. Não vai se mexer até o último momento. E aí vamos chegar atrasados, como sempre. Morro de vergonha.

FLORES — A solenidade é em minha homenagem, Dirce.

DIRCE — Mais uma razão para você não se atrasar.

FLORES — Engano seu. A única vantagem de ser o homenageado é que não podem começar nada antes que eu chegue.

DIRCE — Sei que você despreza aquelas pessoas. Mas isso não é motivo para ser mal-educado.

FLORES — Só de pensar que vou ter que ouvir o discurso do Ari Jumento, ver a cara de tacho do senador Érico... Me dá arrepios...

DIRCE — Já pensou no que vai dizer no seu discurso?

FLORES dá uma risada estranha, meio alucinada.

FLORES — Eles vão ter uma surpresa.

DIRCE — Você não acha que já passou da idade de surpreender?

FLORES olha para ela longamente, como se há muito tempo não a visse. Por fim, volta-se para o livro que tem diante de si.

FLORES — Vai se arrumando. Não vou me atrasar.

DIRCE tem um gesto de aborrecimento e vai embora. CAM fica com FLORES, que olha para o livro mas não lê, absorto nos seus pensamentos.

### **CENA 11. TRILHA NO MATO. PROXIMIDADES DO RIO. EXTERIOR. DIA.**

QUERÊNCIO caminha trôpego, seguido por ROMEU, os bêbados, curiosos (figurantes), SERENO, atormentado pelos tiques, e por fim NICOLAU e NASINHO.

ROMEU — Larga mão desse desatino, Querêncio.

QUERÊNCIO — Desatino por que? Quantas vezes você já me viu atravessar o rio?

ROMEU — Isso é do tempo que tu era garoto, homem. Hoje tu não atravessa nem poça de mijo.

QUERÊNCIO — Não sou igual você não, Romeu, que ficou velho antes do tempo. Vou mergulhar e sair do outro lado bonzinho desse porre. Aí quero ver a cara de vocês. A honra de Ribeirão do Tempo está em jogo.

ROMEU — (P/os demais) Ajuda a convencer essa mula, gente. Ele vai se estrear.

NICOLAU — (Cínico) Querêncio sabe o que faz, Romeu. É homem pra muito mais que isso. É ou não é, Querêncio?

QUERÊNCIO — Vocês ainda não me conhecem...

NASINHO — Ele é um peixe. Por isso que ta sempre na água.

Gargalhada geral. ROMEU tenta segurar QUERÊNCIO mas ele se desprende e segue em diante

ROMEU — Com a cachorra, isso vai terminar mal.

NICOLAU levanta uma nota de cinquenta.

NICOLAU — Boto cinquenta paus que Querêncio chega do outro lado bonzinho. Vai Sereno?

SERENO — Só tenho dez, senador...

NICOLAU — Serve. Tá valendo. Bota na mão do Nasinho.

NASINHO vai lá e arranca o dinheiro do bolso de SERENO, que ri abobalhado. NICOLAU, NASINHO e outros riem muito.

**CENA 12. CENTRO HISTÓRICO. RUA DO COMÉRCIO. EXT. DIA.**

FILOMENA e CARMEM andando apressadas.

FILOMENA — (Aflita) Meu Deus, que é que eu faço? Já estou atrasada pro trabalho. Se ainda for atrás do meu pai...

CARMEM — Você que sabe. Seu Romeu mandou te avisar, pedir pra você ir até lá... Mas ele estava junto com a turma de cachaças... Vai ver ele mesmo consegue segurar o velho.

FILOMENA — (Irritada) Seu Romeu é outro. Não duvido que tenha sido ele que botou a idéia maluca na cabeça do pai.

CARMEM — Então deixa os dois se danarem.

FILOMENA — Como é que eu posso fazer isso, Carmem? Mesmo que não aconteça nada, vou ficar agoniada até o desgraçado voltar. Que mal eu fiz pra ter um pai desses, me diz?

CARMEM — Pai a gente não escolhe.

FILOMENA pára, indecisa.

CARMEM — Que é que você vai fazer?

FILOMENA — Se o velho não morrer no rio e eu perder o emprego, eu juro que mato ele em casa.

CARMEM — Não entendi.

FILOMENA — Não precisa. Eu vou lá... fazer o papel de palhaça mais uma vez. Depois me explico com Seu Ari. Vem comigo?

CARMEM — Meu chefe também está me esperando.

FILOMENA — Seu Lincon é boa gente. E você é só uma estagiária. Não faz muita falta.

CARMEM — ((Indignada) É o que você pensa... Ah, não faço falta...

FILOMENA sai apressada. CARMEM a segue. As duas vão discutindo, sem que se ouça o que dizem.

**CENA 13. CENTRO HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXTERIOR. DIA.**

JOCA chegando na praça, acompanhado do grupo de turistas.

JOCA — Aqui, minha gente, é o miolo do centro histórico de Ribeirão do Tempo... Vocês sabem como chama essa praça? Quem disser ganha um sacolé de manga.

Uma TURISTA (participação) levanta o dedo.

TURISTA — Praça do Enforcado. (RI) Li a placa, na esquina.

JOCA — Muito bem, minha senhora. Depois me cobra o sacolé. Agora quero ver quem sabe por que se chama Praça do Enforcado...

JOCA olha divertido para o grupo.

JOCA — Já vi que ninguém sabe? O que vou contar aconteceu muitos e muitos anos atrás, no tempo que o Brasil ainda gatinhava. Portugal era nosso papai e só vinha com bronca... Isso mesmo que a senhora pensou. Eram os tempos do Brasil Colônia. Pois nessa época, apareceu por aqui um cobrador de impostos do rei de Portugal, um tal de Vaz, o coletor Vaz, como ficou conhecido. O negócio dele era ouro. Naqueles tempos tinha mina de ouro por aqui. E ele cobrava qualquer graminha que o povo infeliz arrancava da pedra... Pra encurtar a história. O pessoal criou uma birra tão forte que acabou enforcando o desgraçado, aqui mesmo nesta praça. Dizem que foi bonito de ver, o bacana pendurado com a língua pra fora.

TURISTA — (Ri) Que horror!

JOCA — Horror, Dona, é o governo meter a mão no bolso da gente todo dia. O povo daquele tempo não era banana que nem hoje não... Daí no nome da nossa praça.

TURISTA — Como é que ninguém conta esse episódio na história do Brasil?

JOCA — Ora, por que... Porque o governo escondeu. Só contam como eles enforcaram um cara do povo, o Tiradentes, mas não deixam ninguém saber que o povo também enforcou um bacana...

A TURISTA e os demais riem.

JOCA — Mas a história ainda não acabou...Quando soube do ocorrido, o rei de Portugal ficou tiririca e mandou pra cá um batalhão de soldados pra esculachar geral. Os caras fizeram o diabo, mas o povo não entregou a rapadura, quer dizer, as toneladas de ouro que diziam que tinha escondido aqui. Os meganhas voltaram de mãos abanando.

TURISTA — E o ouro?

JOCA — Nunca ninguém soube o que foi feito do metal, Dona. Desde aquelas épocas que corre a lenda de que existe um enorme tesouro escondido em Ribeirão do Tempo. Se vocês

andarem aí pela redondeza, tomem cuidado, porque tá cheio de buraco em volta da cidade. Há 250 anos que o povo cavuca procurando o tesouro...

JOCA sorri triunfante para o grupo, que o olha, divertido.

**CENA 14.CENTRO HISTÓRICO.FOLHA DA CORREDEIRA.FACHADA. EXT. DIA.**

Tomada da fachada do jornal, com a placa: “FOLHA DA CORREDEIRA, opinião livre”.

LINCON — (OFF) Ellen, acredite em mim, se no atual momento eu publicar mais uma palavrinha que seja contra o resort, meu jornal está acabado...

**CENA 15. REDAÇÃO DA FOLHA DA CORREDEIRA. S DE LINCON. INT. DIA.**

Movimento normal na redação, que é composta, além do editor-chefe, LINCON, por um Repórter Esportivo, uma estagiária, Carmem, que não está, o Diagramador e um contínuo.

LINCON, na sua sala, de pé, agitado, discute com ELLEN, sentada, dando prosseguimento à fala da cena anterior.

ELLEN — Por favor, Seu Lincon, não exagere. Ninguém vai acabar com o seu jornal.

LINCON — Você nem imagina as pressões que eu sofro. Eles podem acabar comigo na hora que quiserem. Na placa aí fora está escrito: opinião livre. É muito bonito, mas a opinião por si só não paga as contas. É o salário do pessoal, é o aluguel do prédio, são os impostos... Isso aqui devia se chamar jornal do enforcado. Seria coerente com a nossa cidade e comigo, que vivo com a corda no pescoço.

LINCON se joga na sua cadeira. ELLEN ri e se levanta.

ELLEN — Seu Lincon, a Justiça vai dar uma decisão sobre o resort por esses dias. É o momento que a gente tem pra falar, porque depois pode ser tarde demais. Não estou lhe sugerindo que publique um panfleto raivoso. (MOSTRA O PAPEL) É esse artigo científico, fundamentado, escrito por um especialista em meio ambiente.

LINCON — Quantos artigos eu não publiquei contra o resort, Ellen?

ELLEN — Também publicou inúmeros a favor.

LINCON — Claro. A única maneira do meu jornal sobreviver a essa briga é se manter neutro. Expus todos os argumentos, de um

lado e de outro... Você sabe muito bem que pessoalmente sou contra esse maldito empreendimento. É um negócio reacionário, agressivo ao meio ambiente e que vai descaracterizar inteiramente a vida da nossa cidade. Mas eu não posso deixar transparecer isso no jornal, porque senão estou ferrado.

ELLEN — (Irritada) Não entendo por que. Boa parte da população também é contra o empreendimento.

LINCON — Não os poderosos. Vou te contar um segredo. O senador Érico vive me pressionando pra dar sociedade a ele no jornal. Ele se propõe a bancar tudo. Minha vida se transformaria num mar de rosas. (SORRI) A única coisa que ele quer é controlar a linha editorial.

ELLEN — Mas o senhor não vai ceder...

LINCON — Até quando vou poder resistir? E a coisa ainda vai piorar. Estou sabendo que a chefona internacional do resort está para chegar em Ribeirão do Tempo.

ELLEN — Quem é?

LINCON — A tal de Madame Durrel, a manda-chuva, a dona do negócio. Agora me diga, o que é que essa mulher poderosíssima vem fazer aqui? Vai sair lá do conforto do castelo dela em Frankfurt ou lá onde seja para baixar em Ribeirão do Tempo... Pra quê? Eles vão jogar pesado, Ellen. Sinceramente, mesmo em cima do muro, eu não sei quanto tempo a FOLHA DA CORREDEIRA ainda vai circular...

### **CENA 16. C HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXTERIOR. DIA.**

A limusine de Arminda e Eleonora estaciona, causando pasmo no povo simples que anda por ali, entre eles, AJURICABA com ALFREDO na porta do bar “Já Era”.

AJURICABA — O que é aquilo, uma nave espacial?

Do PV deles, ARMINDA salta do carro e o Motorista abre a porta para ELEONORA, que sai.

ALFREDO — Olha, é a tal de Doutora Arminda.

AJURICABA — E a coroa, espia, parece a rainha da Inglaterra. Quem será?

CORTA para as duas, que caminham lentamente pela praça.

ARMINDA — Essa é a Praça do Enforcado. Contam uma porção de histórias pra justificar o nome. Mas pra mim é tudo invenção.

ELEONORA ouve distraída, ensimesmada, olhando em volta com interesse. ARMINDA vai explicando.

ARMINDA — Naquele prédio ali, que era um convento, fica a sede da Prefeitura e naquele sobrado a Câmara Municipal. Nosso escritório está daquele lado. O prédio era um cortiço horroroso, que nós reformamos. Ficou elegante. A senhora vai gostar.

Elas continuam andando.

CORTA para JOCA, que também as viu e olha maravilhado para ARMINDA. Ele se dirige distraído para o grupo de turistas.

JOCA — Olha aí, pessoal. Cinco minutos para tirar umas fotos.

Os turistas começam a tirar fotos. JOCA se afasta um pouco, vidrado em ARMINDA, que, claro, nem o percebe.

CORTA para LÉIA, do outro lado, olhando intrigada para a limusine. FILOMENA e CARMEM vêm apressadas e passam por ela.

LÉIA — Ei, meninas, que carro esquisito é aquele?

FILOMENA — (Sem se deter) Não faço idéia, Dona LÉIA. E agora não tenho tempo pra descobrir.

As duas seguem, apressadas. LÉIA continua observando invocada a limusine. Afinal, ela vê JOCA na praça e vai falar com ele.

LÉIA — Joca! Joca!

JOCA se volta. Não fica muito feliz de ver a mãe. Ela se aproxima.

LÉIA — Você viu esse negócio?

JOCA — O quê, mãe?

LÉIA — Esse carro espichado aí.

JOCA — É uma limusine.

LÉIA — Ah, sei. Isso que é uma limusine... É daquelas mulheres?

JOCA — Deve ser.

LÉIA — Quem são elas?

JOCA — A velha eu não sei. A nova é a Doutora Arminda. Ela que é a chefona do resort... Que mulher, meu Deus!

LÉIA — Tira o olho. Ela não é pro teu bico.

JOCA — Isso é o que a senhora pensa. Pode escrever aí. Ainda vou me casar com ela.

LÉIA — (Ri, sarcástica) Você não toma jeito, meu filho. Sempre correndo atrás das nuvens.

JOCA — (Sem tirar o olho das duas) Que é que aquele pivete quer com elas.

CORTA para ARMINDA e ELEONORA. DIANA se aproxima delas, vestida de menino.

DIANA — Ei, Dona, tem algum serviço pra eu fazer? Qualquer coisa. Tô precisando levantar uma grana.

ARMINDA — (Dura) Tem nada não.

ELEONORA — Você está procurando serviço, menino? Por que não está na escola?

DIANA — Escola é pra otário, madame. Se não tem serviço, me arranja uma grana pro sorvete...

JOCA se aproxima.

JOCA — Desinfeta daí, rapaz. Incomodando as senhoras.

DIANA — Que é que tu tem com isso, ô babaca?

JOCA — Olha o respeito, moleque!

DIANA — ((Ri, debochada) Respeito por você, farinha d'água?

JOCA faz menção de dar um pega e ela corre, botando a língua para ele. JOCA se volta para ARMINDA, embevecido. Ela o olha de alto a baixo, com desprezo, mas deixando traír um certo interesse.

JOCA — A senhora desculpe, mas se a gente não der uma dura nesses moleques...

ARMINDA — Obrigada.

JOCA — Não há de quê. Precisando, é só me chamar. Estou sempre por aqui. Meu nome é João Carlos, mas todo mundo me chama de Joca...

ARMINDA — (Querendo se livrar dele) Muito prazer... Obrigada por tudo. Até logo...

JOCA insiste, maravilhado diante dela

JOCA — ...Sou guia turístico...nas horas vagas só, porque... Você, quer dizer, a senhora é da companhia, não é?

Mas ARMINDA o deixa falando sozinho, pega ELEONORA pelo braço e as duas se afastam. JOCA fica olhando, abestalhado.

- ARMINDA — Vamos, vou mostrar pra senhora o lugar onde o tal coletor Vaz foi enforcado.
- ELEONORA — (Estranha) Para lá?
- ARMINDA — É. Foi em frente à igreja.
- ELEONORA — Não, minha filha. O coletor foi enforcado bem no meio da praça, ali ao lado do coreto.
- ARMINDA — (Surpresa) É mesmo? Pode ser. Na verdade, não conheço bem a história do lugar.
- ELEONORA — E o prédio onde puseram a prefeitura nunca foi convento nenhum, como você disse. Ali era a cadeia.
- ARMINDA — (Surpresa) Como é que a senhora sabe disso tudo, se nunca veio a esta cidade?

Um tempo com ELEONORA, grave, pensativa, olhando para a outra.

- ELEONORA — Acho que chegou a hora de você tomar conhecimento de um segredo... Mas lembre-se, Arminda, ninguém, ninguém mesmo pode saber do que eu vou lhe dizer... Posso confiar em você?
- ARMINDA — Claro, Madame Durrel... Eu jamais revelaria um segredo seu...ou de quem quer que seja...
- ELEONORA — Conheço muito bem esta cidade. Até poderia dizer que a conheço como a palma de minha mão... Eu nasci aqui... É verdade, minha filha. Nasci em Ribeirão do Tempo. Mas ninguém sabe disso... Claro, me refiro a pessoas vivas...
- ARMINDA — (Pasma) Eu jamais poderia imaginar uma coisa dessas.
- ELEONORA — Seria mesmo difícil... Guarde segredo absoluto. Ninguém pode sequer desconfiar... pelo menos até que eu encontre o que voltei para procurar... mais de 50 anos depois que saí daqui...

ARMINDA olha para ela, embasbacada. ELEONORA sorri, irônica.

- ELEONORA — Não precisa fazer essa cara. A vida só é suportável porque é cheia de surpresas. Senão seria uma chatice sem fim.

ELEONORA caminha em direção ao carro.

- ELEONORA — Vamos embora, antes que algum fantasma me reconheça.

### **CENA 17. SALA DO PREFEITO. INTERIOR. DIA.**

ARI JUMENTO, diante de um espelho, ensaiando o discurso que lê num papel.

ARI — (Grave, dramático) ... ainda me lembro muito bem daquela noite escura, noite das trevas que se amontoaram sobre... (CONFERE O PAPEL) amontoaram não... noite das trevas que se abateram sobre a nossa cabeça abençoada... (ESTRANHA)... cabeça? (CONFERE E CORRIGE)... nossa nação abençoada... ainda lembro como se fosse hoje, aqui, diante de todos nós... (CONFERE O PAPEL)...

VIRGÍNIA abre a porta e bate levemente. Mas ARI não lhe dá atenção.

ARI — (Discursa)... ainda lembro como se fosse hoje, aqui diante de mim, do olhar esgazeado de vossa excelência, Doutor Flores, sendo levado pelos esbirros da ditadura...

VIRGÍNIA bate com mais força.

VIRGÍNIA — Prefeito, por favor...

ARI — (Irritado) Não está vendo que estou ensaiando meu improviso, Dona Virgínia! Será possível que não posso ter um minuto de paz!

VIRGÍNIA — Se eu vim incomodar o senhor é porque é importante.

ARI joga os papéis sobre a mesa.

ARI — Acabo passando vergonha na solenidade... Ainda não sei o discurso todo e a hora ta chegando.

VIRGÍNIA — Quem é que escreveu esse improviso?

ARI — O Bruno. Por que?

VIRGÍNIA — (Estranha) O senhor vai dizer que o Doutor Flores estava com o olhar “esgazeado” quando foi preso na ditadura?

ARI — Qual o problema? O que quer dizer esgazeado?

VIRGÍNIA — Pelo que eu sei, olhar esgazeado é olhar de maluco.

ARI — Então não pode... Será que o Bruno escreveu besteira? E se eu disser “vidrado”... (DRAMÁTICO) o olhar vidrado de vossa excelência...

VIRGÍNIA faz que não.

ARI — ... olhar atarantado... olhar aparvalhado.. o olhar amedrontado... o olhar desorientado... o olhar honrado... (IMPACIENTE) Por que você vem botar dúvida na minha cabeça? Se escreveu esgazeado é porque é isso. Doutor Bruno não é nenhuma besta... Vou mudar, aí que acabo dizendo

asneira... O que acho que está errado é isso aqui: “esbirros”...esbirros da ditadura... Já ouviu essa palavra?

VIRGÍNIA — Eu não.

ARI pega a caneta e corrige no papel.

ARI — Erro de impressão. Deve ser espirros da ditadura...

VIRGÍNIA — (Estranha) O homem foi levado pelos espirros da ditadura? Que quer dizer isso?

ARI — Eu sei lá. Os poetas escrevem essas coisas. O que é que a senhora entende de oratória? Afinal, o que é que a senhora veio fazer aqui, Dona Virgínia? Só me atrapalhar, me confundir?

VIRGÍNIA — Não senhor. Vim dizer que tem uns estudantes preparando um comício contra o resort, bem na hora da solenidade. Vai ter bafafá.

ARI — Só faltava essa.

VIRGÍNIA — O senhor quer tomar alguma providência?

ARI — Como estão os preparativos?

VIRGÍNIA — Tudo em cima.. Banda de música, fogos...

ARI — Então a senhora avisa o delegado de polícia. Porque, se os estudantes fizerem bagunça, é pra sentar a borracha neles. Estão pensando o quê, que a gente ainda vive na ditadura?

### **CENA 18. TRILHA NO MATO. PROXIMIDADES DO RIO. EXTERIOR. DIA.**

FILOMENA e CARMEM caminhando apressadas pela trilha por onde já passaram Querêncio e os seguidores. CARMEM fica para trás. FILOMENA dá a bronca.

FILOMENA — Anda mais depressa, Carmem. Parece uma lesma.

CARMEM — (Ofegante) Não sei para quê eu vim. Não tenho nada com isso, o pai não é meu... Ainda levo bronca...

FILOMENA — Veio porque é minha amiga.

CARMEM — Não posso demorar...

FILOMENA — Se a gente chegar antes dele entrar no rio, volta logo. Se não... Seja o que Deus quiser...

### **CENA 19. RIBEIRÃO. CORRENTEZA MÉDIA. EXTERIOR. DIA.**

Na margem, QUERÊNCIO, trôpego, já tirando a roupa. ROMEU ao lado dele, ainda tentando demovê-lo. Os demais bebuns, os curiosos e SERENO em volta. NICOLAU e NASINHO mais afastados, se divertindo muito.

ROMEU — Larga mão dessa doidera, Querêncio. Espia como a água ta forte.

QUERÊNCIO — Essa água nunca que vai me engolir, Romeu... Pára de reclamar e toma conta das minhas roupas... (OLHA EM TORNO)... pra neguinho não meter a mão...

ROMEU — Quem é que vai querer esses trapos?

QUERÊNCIO, já de cueca samba-canção, mete os pés no rio e recua.

NICOLAU — (Grita, divertido) Como é? Amarelou, Querêncio?

QUERÊNCIO — A água tá gelada...

NASINHO — Agora tu vai nem que seja à força, desgraçado.

QUERÊNCIO — Vocês pensam que eu sou cagão?

NICOLAU — Pensamos.

ROMEU — Pára com isso, gente. Vocês ficam botando pilha.

QUERÊNCIO — Vocês querem ver eu ir? Querem? Eu vou mesmo...

NICOLAU — Vai duma vez, filho da mãe, antes que a gente te jogue lá dentro com uma pedra amarrada no pescoço.

QUERÊNCIO — Você não é homem pra isso. Mas eu sou homem...

QUERÊNCIO caminha decidido para a água. ROMEU ainda tenta segurá-lo, mas ele se desvencilha. QUERÊNCIO entra e começa a nadar. A correnteza o vai levando. Da margem a moçada grita e ri muito.

SERENO — (Às gargalhadas) Querêncio vai virar bagre! Querêncio vai virar bagre!

ROMEU — Volta, Querêncio!

NICOLAU — (Rindo muito) Dessa vez o velho vai levar a breca.

NASINHO — Tomara.

CORTA para FILOMENA chegando esbaforida. CARMEM mais atrás, sem fôlego.

FILOMENA — Pai! Cadê meu pai?

ROMEU — Já está na água. Tu chegou tarde, Filomena.

FILOMENA chega na beira da água e grita

FILOMENA — Pai, saí daí! Chega de maluquice. Sai já dessa água!

NICOLAU — (Debochado) Deixa o velho boiar, Filomena.

QUERÊNCIO já está longe e começa a ter dificuldade de se manter na superfície.

ROMEU — Eu fiz tudo que podia, Filomena. Mas ele tá com o diabo na cabeça.

CARMEM — Olha, não quero assustar, mas acho que ele não demora a afundar...

FILOMENA — (Apavorada) Meu Deus do Céu, meu pai vai se afogar! Alguém ajude, por favor. Eu não sei nadar.

NASINHO — Quem entrar lá vai pro fundo com ele. Eu que não me meto nessa.

QUERÊNCIO começa a se debater, aflito.

QUERÊNCIO — (Grita) Não to agüentando! Tá muito forte!

FILOMENA — Ele tá se afogando...

CARMEM — (Aponta) Olha lá!

A balsa de TITO, com os aventureiros, vem de cima do rio. FILOMENA vê e começa a acenar e a gritar.

FILOMENA — Socorro! Socorro! Ajudem! Ali, meu pai tá se afogando!

CARMEM, ROMEU, alguns bebuns e SERENO também começam a gritar e acenar.

TITO vê a agitação na margem e percebe o que está acontecendo. A esta altura, QUERÊNCIO já não resiste e vai sendo arrastado rapidamente pela correnteza.

TITO — Tem um cara se afogando. Vamos ajudar. Conto com vocês todos.

TITO manobra a embarcação e a dirige para a parte mais rápida da correnteza. A barca começa a tomar velocidade. QUERÊNCIO já vai longe, se debatendo.

CORTA para o grupo na margem

ROMEU — Querêncio tá indo rio abaixo.

FILOMENA — (Grita) Salva meu pai, pelo amor de Deus!

FILOMENA sai correndo pela margem, tentando acompanhar o pai e a balsa que descem o rio. CARMEM, ROMEU e os outros vêm atrás.

### **CENA 20. SOLAR DE ELEONORA. FACHADA. EXTERIOR. DIA.**

Tomada da frente do solar.

ARMINDA — (OFF) Esta é a nossa casa. A reforma deu um trabalhão, porque o prédio estava muito detonado... O que a senhora achou?

**CENA 21. SOLAR DE ELEONORA. SALÃO. INTERIOR. DIA.**

ELEONORA e ARMINDA acabaram de chegar e ARMINDA está mostrando a casa. ELEONORA olha para tudo com muito interesse. Um Empregado e uma Empregada passam para o interior, carregando as bagagens de Eleonora.

ELEONORA — Ficou muito bom, Arminda. Muito bom gosto... Você está de parabéns.

ARMINDA — Obrigada. Quando compramos, o casarão estava abandonado há anos... Parece que tinha se tornado uma cabeça de porco e depois foi esvaziada por ameaça de desmoronamento...

ELEONORA — Está firme? Veja lá, é um prédio muito antigo.

ARMINDA — Não se preocupe. Os alicerces continuavam sólidos e reforçamos toda a estrutura.

ELEONORA caminha pelo aposento, observando, ar melancólico

ELEONORA — Quem morava neste solar... era assim que chamavam naquele tempo...

ARMINDA — O pessoal da cidade ainda fala assim...Solar da Primavera, não é?

ELEONORA — Isso mesmo. Solar da Primavera... Pertencia ao Desembargador Machado... O Machadão... Velhinho de dar pena, mas um tremendo safado. Adorava uma menininha...

ARMINDA — (Animada) Madame Durrel, estou louca para ouvir sua história. A senhora nasceu aqui, em Ribeirão do Tempo. E ninguém sabe disso no mundo. É incrível...

ELEONORA — Eu vou contar. Não agora...

ARMINDA — Claro, a senhora deve estar exausta.

ELEONORA — Nem tanto. Chegar aqui me trouxe uma vitalidade inesperada... Estou me sentindo ótima...

ARMINDA — (Ri) Vai ver que o pessoal tem razão quando diz que o rio tem propriedades rejuvenescedoras...

ELEONORA — Pelo menos na memória estou recuando mais de 50 anos no tempo... É uma sensação intensa.

Entra ELZA, uma empregada, vestindo um uniforme elegante e discreto.

ELZA — Com licença, Dona Arminda.

ARMINDA — O que é, Elza?

- ELZA — Tem uma visita para a Madame.
- ARMINDA — (Surpresa) Visita, já? Mal acabamos de chegar. E ninguém sabe que Madame Durrel está na cidade.
- ELEONORA — Como se chama a visita?
- ELZA — Doutor Teixeira. Ele chegou cedo...
- ARMINDA — Não conheço nenhum Doutor Teixeira.
- ELEONORA — Não se preocupe, Arminda. É meu advogado.
- ARMINDA — Seu advogado? Pensei que conhecesse todos.
- ELEONORA — Esse foi contratado para um caso especial. (P/ELZA) Mande entrar, por favor.
- ELZA — Sim senhora. Com licença.

ELZA sai. ARMINDA sorri, intrigada.

- ARMINDA — Mais uma surpresa, Madame Durrel?
- ELEONORA — (Sorri) Você está comigo há quanto tempo, Arminda?.
- ARMINDA — Contando o tempo que trabalhei com a senhora na Europa e o tempo que já estou aqui... mais de quatro anos...
- ELEONORA — Quatro anos... Seria muita pretensão sua querer saber tudo sobre um pessoa da minha idade, não é mesmo?

ELEONORA dá um tapinha carinhoso no rosto de ARMINDA

- ARMINDA — Desculpe.
- ELEONORA — (Divertida) Talvez eu que tenha que me desculpar, por exigir tanto da curiosidade de uma mulher.

Entra TEIXEIRA, um elegante sujeito de seus 50 anos, de blazer, sorrindo, simpático, discretamente delicado. Se possível, tem um discreto sotaque estrangeiro.

- TEIXEIRA — Madame Durrel...
- ELEONORA — Entre, Valter.

Ele se apressa a pegar a mão de ELEONORA e beijá-la formalmente.

- TEIXEIRA — Como está a senhora? Fez boa viagem?
- ELEONORA — Pior que a viagem é ter que responder à mesma pergunta várias vezes. O importante é que estou aqui. Deixe me apresentar a Arminda, a executiva mais competente da nossa empresa e pessoa da minha confiança.

TEIXEIRA beija formalmente a mão dela.

- TEIXEIRA — Doutora Arminda...
- ARMINDA — Muito prazer... Se eu soubesse que o senhor viria teria dado ordens para...
- ELEONORA — O Valter não é de cerimônias, querida. (P/VALTER) Quando você chegou a Ribeirão?
- TEIXEIRA — Hoje de manhã. Vim ao solar, mas como a senhora ainda não tinha chegado, fui dar uma volta.
- ELEONORA — Se hospedou em algum lugar?
- TEIXEIRA — Nem deu tempo, mas soube de uma pousada...
- ELEONORA — Você vai ficar aqui conosco. (P/ARMINDA) Imagino que temos um quarto de hóspedes.
- ARMINDA — Temos.
- TEIXEIRA — Não há necessidade. Vou incomodar...
- ELEONORA — Incomoda nada. E é sempre bom ter um homem na casa...

TEIXEIRA sorri. CAM em ARMINDA, um tanto intrigada com tudo aquilo.

**CENA 22. CENTRO HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXTERIOR. DIA.**

JOCA se despede do grupo de turistas. Ali perto, os músicos da banda afinam os instrumentos.

- JOCA — Olha aí, minha gente. O tour acaba aqui. Ribeirão do Tempo agradece a visita de todos e espera vê-los de volta em breve.

O pessoal começa a dispersar.

- TURISTA — A banda ta ensaiando pra quê?
- JOCA — Vai ter uma homenagem para a maior figura de Ribeirão, o doutor Flores. Lá no salão municipal. Quem quiser, pode ir. É de graça.
- TURISTA — Deixa eu tirar a última foto de você.

JOCA faz pose. A TURISTA tira a foto.

- JOCA — Como ficou?

A TURISTA mostra a foto. DETALHE.

- JOCA — Deixa eu ver as outras que você tirou.

A TURISTA gira as foto. DETALHE das fotos correndo na máquina. Passa uma foto bem nítida de Arminda.

- JOCA — Pára aí. Deixa eu ver essa foto.

JOCA pega a máquina e admira a foto de ARMINDA, com ele ao lado, falando com ela. DETALHE da foto.

JOCA — (OFF) Pelo amor de Deus, manda essa foto pra mim.

**CENA 23. RIBEIRÃO. ALTA CORRENTEZA. EXTERIOR. DIA.**

QUERÊNCIO descendo a correnteza, debatendo-se, desesperado. Logo atrás, a balsa de TITO, com ele no leme, tentando se aproximar de QUERÊNCIO.

TITO — (Grita) O cara não vai resistir muito. A gente tem que tirar ele da água.

CORTA para FILOMENA, correndo na margem, bem atrás, distante. CARMEM vem em seguida e depois os outros.

FILOMENA — (Grita) Pega ele! Pega ele! Por favor!

ROMEU já se sentou, exausto. SERENO e outros bebuns também. NICOLAU e NASINHO estão próximos de FILOMENA.

NASINHO — (Rindo) Mais um pouco ele vai pro bebeléu.

NICOLAU — Já ta demorando muito.

No rio, QUERÊNCIO gira num redemoinho, procurando se agarrar em algum lugar, sem conseguir. TITO manobra a balsa com energia e dá ordens aos remadores,

FILOMENA pára na margem e leva as mãos à cabeça, desesperada.

Por fim, TITO consegue aproximar a embarcação de QUERÊNCIO. Um REMADOR (participação) o agarra e faz força para puxá-lo para dentro do barco.

TITO — (Grita) Puxa com força!

QUERÊNCIO se debate desesperadamente e o REMADOR acaba indo para a água com ele. Reação de FILOMENA e dos outros que assistem. TITO manobra a embarcação rapidamente. Agora são dois na água. QUERÊNCIO se agarra ao remador, com risco dos dois afundarem.

REMADOR — Ele ta me agarrando. Não consigo nadar!

TITO — Agüenta firme. Vou pegar ele!

TITO por fim consegue encostar o barco nos dois. Ele próprio solta o leme e puxa QUERÊNCIO vigorosamente para dentro da embarcação.

CORTA para FILOMENA, que vibra.

FILOMENA — Graças a Deus!

Ela cai sentada, exausta.

CORTA para o barco. TITO fala com QUERÊNCIO

TITO — O senhor está bem?

QUERÊNCIO — (Voz engrolada, cuspendo) Bebi água...

TITO o deixa sob os cuidados de uma Remadora e se volta para o rio. O REMADOR já vai sendo carregado.

TITO — (P/Remador, grita) Deixa a água te levar. Eu te pego mais na frente.

TITO reassume o leme e põe a balsa na direção em que está o REMADOR.

CORTA para FILOMENA, sentada, ofegante, sem palavras.

CARMEM — Você ta bem, Filó?

Ela não responde, o olhar perdido nas águas tumultuadas do rio. ROMEU se aproxima.

ROMEU — O danado dá sorte, hein! Imagina se o Tito não está no rio justo nessa hora.

CARMEM — Tem que ver se ele está bem.

ROMEU — O Tito deve atracar ali adiante. Vamos até lá, Filomena. Fica calma, agora está tudo bem.

FILOMENA faz que sim. CARMEM a ajuda a se levantar.

CORTA para NICOLAU com NASINHO.

NASINHO — É como dizem. Deus protege os bebuns.

NICOLAU — E agora o picareta desse Tito ainda vai dar uma de herói. Vamos nessa, Nasinho.

Eles começam a se afastar.

NASINHO — Tem outro circo na cidade. (RI) Você vai na homenagem ao Flores?

### **CENA 24. RIBEIRÃO. PIER. EXTERIOR. DIA.**

TITO atracando o barco num pequeno deque por ali, ou onde seja. QUERÊNCIO tossindo muito, sem forças.

TITO — Ajuda aí, gente. Vamos remover o homem pra terra.

QUERÊNCIO continua falando, entre tossidos.

QUERÊNCIO — (Voz engrolada) A correnteza me pegou... Marquei bobeira...(TOSSE)

O REMADOR e outros dois removem TITO.

REMADOR — Talvez seja melhor fazer uma respiração artificial nele.

TITO — Eu vou examinar... E chamei meu pessoal. Já devem estar chegando aí de carro.

QUERÊNCIO — (Voz engrolada) Tô bom... (TOSSE)

REMADOR — Ele disse que está bom.

TITO — (Ri) Bom... Tá bêbado como um gambá...

Eles botam QUERÊNCIO deitado. TITO o examina.

REMADOR — Mais seguro dar um reforço no pulmão dele. Vou fazer respiração artificial...

TITO — Não precisa.

Mas o REMADOR tampa o nariz de QUERÊNCIO e mete a boca na dele, para soprar. QUERÊNCIO reage, debatendo-se violentamente.

QUERÊNCIO — (Voz engrolada) Que é isso? Sou macho... sou macho...

REMADOR se afasta e ele, TITO e os Remadores são obrigados a rir.

TITO — Isso é pra ajudar o senhor a respirar, Seu Querêncio. Não leve a mal...

QUERÊNCIO — (Voz engrolada) Sou macho, cara... Homem comigo não...

QUERÊNCIO vomita. FILOMENA vem chegando. TITO a vê e se levanta para recebe.

TITO — Olha sua filha aí.

FILOMENA se aproxima, olha para o pai e não contém o choro. TITO tem um gesto carinhoso com ela e ela se abraça a ele, chorando. Ele a consola, meio sem graça.

TITO — Está tudo bem agora. Fica tranqüila.

CORTA para NEWTON, chegando de carro com KARINA. O carro é um modelo esportivo, de aventura, com os dizeres: “Radical Livre – aventura e adrenalina com a máxima segurança”. Os dois saltam apressadamente. Reação de KARINA ao ver TITO abraçado com outra. Ela se aproxima, invocada.

KARINA — Que é que aconteceu, Tito?

TITO — Foi um acidente. Seu Querêncio caiu no rio...

TITO afasta FILOMENA, com delicadeza. Ela tenta controlar o choro.

TITO — A Filomena ficou um pouco nervosa.

FILOMENA fica um tempo apalermada e afinal esboça um sorriso.

FILOMENA — Obrigada, Tito...

Ela se debruça sobre o pai, ao tempo em que TITO abraça KARINA

FILOMENA — Como é que o senhor está?

QUERÊNCIO — Cadê o Romeu?

ROMEU — Estou aqui, Querêncio.

TITO — Acho melhor levar ele a um médico, Filomena.

FILOMENA — Pode deixar, Tito. Agora a gente cuida dele.

ROMEU — Tu foi um herói, Tito.

TITO — Besteira. Só ajudei Seu Querêncio a sair da água.

ROMEU — Mas se tu não tivesse tirado ele de lá, babau!

KARINA — Se está tudo resolvido, vamos sair daqui. O pessoal tem uma boa notícia para você.

TITO — (Animado) O que é?

KARINA — Me proibiram de falar. Vou deixar eles contarem.

TITO se solta de dela e vai falar com NEWTON, que está recolhendo o barco.

TITO — Que foi, Newton? Não me diga que o...

NEWTON sorri, alegre.

NEWTON — Também me mandaram calar a boca.

TITO se dirige para o carro.

TITO — (P/Newton) Cuida do pessoal. (P/ KARINA) Vamos, Karina.

KARINA olha com superioridade para FILOMENA

KARINA — Vê se a partir de agora cuida melhor do seu pai, Filomena. Meu noivo não é salva-vidas de cachaceiros...

FILOMENA — (Segura a raiva) Não vai acontecer outra vez.

KARINA se afasta, sob o olhar ressentido de FILOMENA, que a vê abraçar TITO e entrar no carro. CORTA para QUERÊNCIO, que puxa ROMEU e fala baixinho.

QUERÊNCIO — (Voz engrolada) O cara meteu a boca na minha, Romeu. Que negócio é esse? Sou macho...

ROMEU — Pra tu aprender. Boca de bêbado não tem dono.

QUERÊNCIO se levanta, trôpego.

QUERÊNCIO — Ganhei a aposta... Tô bonzinho...

### **CENA 25. POUSADA DE TITO. EXTERIOR. DIA.**

A charmosa entrada da pousada, com estacionamento. TITO pára o carro. Ele e KARINA saltam e se abraçam, felizes.

TITO — Coitada da Filomena. O pai dela realmente é um traste completo.

KARINA — Nem por isso ela tem o direito de ficar te agarrando.

TITO — Karina... Aquele tribufu... (RI) Melhor fingir que não ouvi...

Eles entram na pousada

**CENA 26. POUSADA DE TITO. LOBBY. INTERIOR. DIA.**

Movimento de alguns hóspedes no balcão, atendidos por IARA.

TITO — Como é, Iara? Tudo bem?

IARA — Tudo em cima, chefe.

TITO — Qual é a grande novidade que a Karina não quer me contar?

IARA — (Ri) Se ela não falou, muito menos eu. Não sei de nada.

TITO — Vocês estão de sacanagem comigo.

TITO vai para o escritório, seguido de KARINA.

**CENA 27. POUSADA DE TITO. ESCRITÓRIO. INTERIOR. DIA.**

SÍLVIO fala no telefone sem fio, andando pelo aposento.

SÍLVIO — (No telefone) Se você me prometer liberar a aeronave, vou pra aí hoje mesmo com o mecânico... Sei... Não, a grana tem que ser com o Tito... Ele deve estar...Espera aí...

TITO entra, seguido de KARINA

SÍLVIO — (No telefone) O Tito acabou de chegar. Vamos resolver isso agora. (P/TITO) Já está sabendo, não está?

TITO — Sabendo o quê?

SÍLVIO — Será possível que ninguém te disse que liberaram a pista?

TITO — Eu imaginei que era isso. Mas ficou todo mundo de frescura. A começar por essa aí.

KARINA — Ora, Sílvio, isso é jeito de acabar com o suspense?

KARINA ri e abraça TITO.

KARINA — Desculpe, amor, mas foi ele mesmo que pediu pra não te contar.

SÍLVIO — Deixa pra comemorar depois. Estou falando com o Rio. Se a gente pagar aquela dívida antiga e a estadia, podemos trazer o avião imediatamente... Que é que eu digo?

TITO — Sem problemas. A dívida será quitada.

SÍLVIO — (No telefone) Pode tirar o bólido do hangar, meu irmão, estou indo para aí... Valeu...

SÍLVIO desliga e TITO o agarra, animado.

TITO — Então já temos aeroporto?

SÍLVIO — Pode dobrar teus pára-quedas, irmãozinho, decolagens autorizadas.

Eles gritam, festejando. Entra VIRGÍLIO, de terno e gravata.

VIRGÍLIO — Vocês já contaram pra ele? Tinha que deixar sofrer mais.

TITO — Isso que é um amigo da onça.

SÍLVIO — (Sacana) Vai fazer exame de fezes, Seu Virgílio?

VIRGÍLIO — (Na bucha) Convivendo com você, o melhor é se precaver.

KARINA — Finos, hein!

TITO — Onde é que você vai?

VIRGÍLIO — Hoje tem uma homenagem praquele tal de Doutor Flores, na cidade. Achei importante a gente dar as caras. Temos que estar numa boa com aquele velho.

Entra CLORÍS, também elegantemente vestida, e vai beijar TITO

CLORÍS — Não sabia que você já tinha chegado, meu filho.

KARINA — Dona Clorís também está nos trinques, olha só.

CLORÍS — O Virgílio praticamente me obrigou a ir nessa tal solenidade. Diz que vai ter gente importante lá, o senador e sei lá mais quem. Eu tenho que me defender.

TITO — Tá certa, mãe. A presença de vocês vai ser muito importante para a Radical Livre... pro nosso negócio.

CLORÍS — E eu finalmente vou ter a oportunidade de conhecer esse Doutor Flores, de que tanto falam.

SÍLVIO — E ouvir o discurso do Ari Jumento, o prefeito!

Eles riem.

**SONOPLASTIA:** entra a banda da cena seguinte

### **CENA 28. CTRO HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXT. ANOITECER.**

**SONOPLASTIA:** banda de música

A banda de música, em formação, ataca furiosamente. Alguns Moradores, inclusive crianças assistem, CARLOS e GUILHERME entre eles.

O Maestro gira a batuta, aponta o outro lado da praça e a banda sai marchando, garbosamente, acompanhada dos Moradores que já estavam ali, as crianças e outras pessoas que vão se incorporando. As crianças vão pulando e fazendo salamaleques.

DIANA, vestida de garoto, observa de longe. Afinal não resiste e se aproxima de CARLOS e GUILHERME.

DIANA — Que festa é essa?

CARLOS — Não sei direito não.

GUILHERME — É um negócio que vai ter lá no salão municipal.

DIANA — Posso ir com vocês?

GUILHERME — Pode.

CARLOS — Você mora aqui em Ribeirão?

DIANA — Moro perto daqui.

A banda segue. Eles vão atrás.

### **CENA 29. SALÃO MUNICIPAL. EXTERIOR. ANOITECER.**

Um amplo salão, de arquitetura colonial restaurada. Num pequeno palco ou tablado está composta a mesa de ilustres. Ao lado, uma tribuna com microfone, de onde são proferidos os discursos. Na mesa estão, FLORES, ao centro. A sua direita, o Senador ÉRICO e um Senhor austero (figurante). À esquerda, Dona DIRCE e um lugar vazio, de ARI JUMENTO, que discursa na tribuna.

Na platéia, moradores da cidade, gente de todo tipo. Nas fileiras da frente, as pessoas de melhor nível, mas não exclusivamente. Mais para trás, o povão.

Na frente, destacam-se LINCON, ELLEN, VIRGÍLIO, CLORÍS, CÉLIA, AJURICABA, VIRGÍNIA, LÍLIAN.

Mais atrás, LÉIA, SANCHA, ROMEU, SERENO. NASINHO e NICOLAU também ali, os dois já tocados. NICOLAU bebe de uma garrafinha de bolso. No mais, populares, gente simples, bêbados, dois mendigos, alguns turistas curiosos e as crianças.

CAM acompanha JOCA, que entra e abre caminho no meio da multidão.

ARI — (OFF. Discursa, solene) ... a prefeitura não podia deixar esquecido um dia de tal magnitude no calendário heróico da nossa pátria...e por isso resolvi prestar esta homenagem...

JOCA chega ao lado de sua mãe.

JOCA — Que é que tá acontecendo, mãe?

LÉIA — Não ta vendo? É o discurso do Ari Jumento...

CORTA para ARI, no palanque.

ARI — (Discursa, empolgado)... homenagem mais que justa, porque Vossa Excelência, Doutor Flores... (SORRI, ENCARA A PLATÉIA E APONTA FLORES) Flores, vejam vocês, este homem grandioso já traz no nome a beleza da criação divina, o perfume de uma vida dedicada aos mais altos valores da humanidade... (DRAMÁTICO) Pois este iluminado, meus amigos, este ser superior foi feito mártir quando a ditadura... (HESITA, ESQUECEU)... quando a ditadura... a ditadura caiu de pau em cima do nosso povo sofrido...

Palmas, gritos. CORTA para BRUNO, tenso, que cochicha com CÉLIA

BRUNO — (Baixo) Ele ta estropiando tudo que eu escrevi... Vai ser um desastre...

CÉLIA — (Baixo) Quem manda escrever discurso pra esse idiota!

FLORES permanece impassível, com um sorriso sardônico nos lábios.

ARI — (Grave) ... ainda me lembro muito bem daquela noite escura, noite das trevas que se amontoaram... (CORRIGE) noite das trevas que se abateram sobre a nossa cabeça abençoada... Quer dizer, sobre a nossa nação abençoada... ainda lembro como se fosse hoje, como se fosse agora, aqui, diante de todos nós... Ainda lembro sim, Doutor Flores, do olhar esgazeado de vossa excelência, sendo levado pelos espirros da ditadura...

NASINHO — (Grita, voz de falsete) Muito bem, Ari Jumento!

A platéia prorrompe em aplausos e gritos. NICOLAU se abaixa e imita o zurro de um jumento.

VOZES — (Gritam) Baixa o cacete, Ari Jumento! Coice neles, Ari Jumento!

BRUNO põe a mão na testa, cobrindo o rosto. CORTA para FLORES, que cochicha com DIRCE

FLORES — Nunca ouvi tanta sandice na minha vida.

Os aplausos diminuem. ARI olha para a platéia, sério.

ARI — ... Vocês gostam de zoar comigo. Eu não vou responder porque o dia de hoje é maior que tudo isso. Não vou deixar que a baixaria pise naquela flor que está ali em cima nos olhando do alto da sua inteligência....

Novos aplausos, gritos, e pedidos silêncio, psssius, etc.

VOZES — Muito bem, jumento! Fala, jumento! Silêncio! Que falta de respeito! Mostra a travanca pra eles, Jumento!

ARI JUMENTO dá uma banana para o público

ARI — Aqui pra vocês!

CAM em ÉRICO, que observa, irritado. FLORES continua impassível.

### **CENA 30. CENTRO HISTÓRICO. BAR AGITO COLONIAL. EXT. NOITE.**

Bastante movimento no bar. Fregueses normais, alguns turistas. Numa mesa de canto, ANDRÉ com meia dúzia de garotos e garotas, conversando baixo, em atitude suspeita. Um Garçom servindo. FILOMENA, vestindo um discreto uniforme, está no balcão, conversando com MARISA, esta em trajés ousados.

MARISA — Quer dizer que teu pai aprontou de novo?

FILOMENA — Ah, Marisa, eu quase morri de vergonha. É que o Tito é um cara muito legal. Se não fosse, eu tinha morrido. Não sei mais o que fazer com meu pai. Ele tem ido na boate?

MARISA — Eu já disse que só falo com ele se estiver sem cachaça.

FILOMENA — Então ele tem aparecido pouco.

MARISA faz um gesto de “que jeito?”. Mas FILOMENA está de olho em ANDRÉ e sua turma.

FILOMENA — Aquela garotada vai aprontar alguma. Estão há um tempão ali de cochicho, sem pedir nada.

MARISA — Melhor você conferir.

FILOMENA vai falar com os garotos.

FILOMENA — E aí, moçada, ninguém vai pedir nada?

ANDRÉ — Estamos sem grana.

FILOMENA — Então vão conversar na praça. Senão quem leva a bronca sou eu.

ANDRÉ — A gente só estava dando um tempo.

FILOMENA — Que é que vocês estão aprontando, hein?

ANDRÉ — Melhor não saber, Filomena. (P/ OS OUTROS) Vamos nessa, pessoal.

A garotada sai apressada, conduzindo suas faixas e cartazes enrolados

### **CENA 31. SALÃO MUNICIPAL. EXTERIOR. NOITE.**

Os mesmos da cena 29. Agora quem discursa é o Senador ÉRICO. ARI sentado na mesa

ÉRICO — ...Enfim, ter nesta cidade, como morador e ativista político, uma figura da grandeza do Doutor Flores nos honra e nos prestigia. Esta justa homenagem que hoje prestamos a este homem nada mais é que o agradecimento por tudo que ele tem feito por nós, desde os tempos remotos dos governos militares. Tínhamos naquele então visões diversas...

Neste momento um forte vozerio vem de fora e a sala é invadida por um bando de jovens aos gritos, portando cartazes e faixas: Preservar Ribeirão é obrigação ; Fora o Resort ; Abaixo o verde-dólar ; Ribeirão é natureza / Resort é safadeza ;

JOVENS — (Em coro) Ribeirão é nosso! Ribeirão é nosso! Ribeirão é nosso! Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos que esses gringos vão embora do Brasil.

ARI se levanta, nervoso. AJURICABA também.

ARI — (Grita) Como é, Delegado, vai deixar essa bagunça?

AJURICABA — ((Grita) Parem com isso! É uma falta de respeito! Pra fora! Pra fora!

AJURICABA dirige-se aos jovens e tenta empurrá-los para fora.

AJURICABA — Fora daqui! Isso não é permitido! Fora!

ANDRÉ — (Encara) E a liberdade de opinião, não existe mais?

AJURICABA — Cala essa boca, moleque! Saiam daqui!

ARI — Bota essa gente pra fora, Delegado!

JOVENS — Ento, ento, ento, abaixo o Ari Jumento

A confusão se generaliza. Começa o empurra-empurra. Todo mundo fala e grita ao mesmo tempo. NICOLAU dá gargalhadas

### **CENA 32. SOLAR DE ELEONORA. SALÃO. INTERIOR. NOITE.**

ELEONORA, ARMINDA e TEIXEIRA tomam um drinque.

ELEONORA — Todo grande empreendimento sofre oposição. É inevitável. Sempre vai ter alguém reclamando. O que nós temos que fazer, Arminda, é convencer o povinho desta cidade de que eles só vão lucrar com o que vamos fazer aqui.

ARMINDA — A senhora não conhece a cabeça dura de certas pessoas, especialmente esse Doutor Flores.

ELEONORA — Que Flores! Vamos pisar no talo dele. Ribeirão do tempo merece sair do atraso de séculos.

Entra a empregada, ELZA.

ELZA — O jantar está servido, Dona Arminda.

ELEONORA — Vamos lá. Estou morta de fome.

ELEONORA toma a frente. ARMINDA e TEIXEIRA a seguem.

### **CENA 33. SOLAR DE ELEONORA. SALA DE JANTAR. INTERIOR. NOITE.**

ELEONORA, ARMINDA e TEIXEIRA já sentados. ELZA e uma Copeira acabaram de servir. A Copeira sai. ELZA se posta discretamente atrás.

ELEONORA — Este suflê está delicioso. Provem só.

ARMINDA — Você pode sair, Elza. Se precisar eu chamo.

ELZA — Sim senhora. Com licença..

ELZA sai. ELEONORA come com vontade.

ELEONORA — Você contratou excelentes cozinheiros, minha filha.

ARMINDA — Obrigada. Agora, Madame Durrel, posso lhe fazer um pedido?

ELEONORA — Nem precisa. Eu sei o que é. Você quer que eu lhe conte minha história, meus segredos.

ARMINDA — (Ri) Se eu ficar sem saber, não resisto até amanhã.

TEIXEIRA — Dizem que a curiosidade mata

ELEONORA — (Sorri) E é verdade. Não se preocupe, minha filha, vou salvar sua vida. Você vai saber de tudo. Conta pra ela, Valter.

TEIXEIRA — (Surpreso) Eu, madame?

ELEONORA — Por que não? Você sabe de tudo.

TEIXEIRA toma um gole de vinho e sorri para ARMINDA

TEIXEIRA — Não sou um bom contador de histórias, por isso vou direto ao ponto. Quando Madame Durrel saiu de Ribeirão do Tempo... ela...ela se perdeu de um filho pequeno...

ELEONORA — Não precisa atenuar a minha história, Valter. Eu não me perdi do meu filho. Eu o abandonei, pura e simplesmente.

ARMINDA — (Pasma) A senhora tem um filho? Ou seja...

ELEONORA — Se ainda estiver vivo, tenho. Hoje estará com 55 anos.

ARMINDA — Mas durante esse tempo todo a senhora...

ELEONORA — Nunca mais tive notícias dele.

TEIXEIRA — Algum tempo atrás, Madame me pediu que tentasse encontrar algum vestígio dessa pessoa.

- ELEONORA — Valter concluiu que ele provavelmente ainda vive em Ribeirão do Tempo
- ARMINDA — E quem é?
- TEIXEIRA — Não sabemos.
- ELEONORA — Mas estou firmemente disposta a descobrir. Este é o motivo da minha viagem. Eu não voltaria a este fim de mundo por qualquer razão menor... (SORRI, SARCÁSTICA) Sirva mais vinho, Valter, por favor. O passado me dá vontade de encher a cara...ainda se fala assim, por aqui?

CARA de ARMINDA, perplexa.

### **CENA 34. C HISTÓRICO. PRAÇA DO ENFORCADO. EXTERIOR. NOITE.**

Os jovens saíram do salão e estão na praça, com seus cartazes e faixas, gritando palavras de ordem, vigiados por AJURICABA e alguns Policiais.

- JOVENS — Ribeirão é nosso! Ribeirão é nosso!

Perto dali, a furiosa, ou seja, a banda de música, continua atacando, firme.

Disfarçadamente, uma Jovem (participação) passa um ovo para ANDRÉ. ANDRÉ olha para AJURICABA e, do meio dos outros, manda o ovo, que estoura bem na cara do delegado. AJURICABA limpa o rosto e olha, furioso.

- AJURICABA — Moleques desgraçados! (GRITA) Senta o pau neles!

Os Policiais partem com os cassetetes para cima dos garotos, que correm.

As crianças, DIANA, CARLOS e GUILHERME, que estão ali de farra, também correm e procuram se proteger

Gritaria, confusão, cacetadas, gás lacrimogêneo, tombos, etc.

### **CENA 35. SALÃO MUNICIPAL. EXTERIOR. NOITE.**

**SONOPLASTIA:** de fora chegam, baixo, os sons da gritaria e da banda

Os mesmos da cena 30, menos Ajuricaba, André e os jovens. FLORES está na tribuna.

- FLORES — (Discursa, sorriso sarcástico nos lábios) ... Lá fora, os jovens gritando suas palavras de ordem, aqui dentro, a ordem procurando as suas palavras... Não é curioso? Aqui estamos lembrando fatos ocorridos há quarenta anos atrás, nos famosos anos sessenta, quando a humanidade vislumbrou, qual a luz de um farol em mar tempestuoso, vislumbrou, digo, a possibilidade de um mundo diferente, um mundo novo, um mundo de justiça, um mundo de igualdade... Muitos têm afirmado que a chama que mantinha aquela luz redentora se apagou para sempre. Mas eu lhe digo que os

ideais dos anos sessenta não se perderam, porque o espírito revolucionário ainda vive e está prestes a irromper novamente, como um furacão purificador !

ELLEN se levanta e aplaude freneticamente, no que é seguida por LINCON e toda a platéia. CORTA para ÉRICO, que cochicha com o Correligionário, ao seu lado.

ÉRICO — (Baixo) Continua o mesmo babaca de sempre.

Os dois riem sutilmente. CORTA para NICOLAU e NASINHO, rindo, debochados.

NICOLAU — Dá-lhe, Flores!

Os aplausos diminuem e FLORES retoma

FLORES — (Discursa) O assunto do dia na nossa cidade é a construção de um gigantesco empreendimentos imobiliário. Dizem que haverá resorts, hotéis, parques temáticos... Parques temáticos, hein, Senador Érico! Talvez façam de nós dois personagens de tal parque. Eu, quem sabe, vou virar um pato velho resmungão... E o senador um cachorro bonzinho, de orelhas grandes, apalermado...

Reação de ÉRICO, que não gosta muito da brincadeira.

FLORES — ... E vão nos botar, Senador, dançando na rua do Comércio para distrair os turistas... Nosso mundo vai desaparecer. Vamos entrar num outro tempo, um tempo falso e sorridente. Este será nosso fim glorioso... (MUDA DRASTICAMENTE O TOM) se aceitarmos a armadilha que este empreendimento representa para nossa cidade... Mais que isso, se aceitarmos a arapuca mundial que se armou contra nós. Não se iludam, meus amigos, o Brasil continua o mesmo de sempre... os mesmos corruptos, a mesma podridão política de Brasília... Mas eu lhes digo, eles que se acautelem, porque um novo tempo vem aí... tempo em que os justos finalmente cobrarão da história o que lhes é devido...

Há um momento de perplexidade e silêncio, que é logo seguido por aplausos. FLORES, com um sorrisinho sarcástico nos lábios, olha desafiador para ÉRICO, que retribui, sério. Os dois se encaram, em meio aos aplausos e gritos.

---

**FIM DO CAPÍTULO 001**

---

*Marcilio Moraes*

09/09/09